

“O crime do padre”: do mito ao esquecimento*

Eliane Lucia Colussi
Universidade de Passo Fundo

Resumo

Este estudo analisa, de forma sintética, um caso de crime ocorrido na cidade de Passo Fundo no ano de 1970.¹ O episódio, de grande repercussão na época, ficou conhecido como o “crime do padre” e, apesar da referida repercussão, foi rapidamente *apagado* da memória coletiva. Contudo, nos primeiros momentos após o episódio, houve um movimento de lideranças da sociedade local no sentido de tornar o padre um mártir ou mito. O esquecimento posterior pode ser explicado em razão da to-

Abstract

This study analyzes briefly the case of a crime that occurred in the city of Passo Fundo in 1970. The episode, which had enormous repercussion at that time, became known as "the priest's crime". Despite such repercussion, this fact has been erased from the collective memory rapidly. However, in the first moments after that episode, there was a movement of the leaders of local society with the purpose to turn the priest into a martyr or a myth. The local society awareness of the causes of the cri-

* The priest's crime: from the myth to the forgetfulness.

¹ Esse estudo faz parte de um projeto de pesquisa em andamento no Núcleo de História Política do PPGH da Universidade de Passo Fundo. O título denomina-se: Representações da violência e da criminalidade em crimes de alta repercussão social (RS.1927-1974). Fazem parte também do grupo de pesquisa a Prof. Dra. Loiva Otero Félix (coordenadora) e a Prof. Ana Luiza Setti Reckziegel.

mada de conhecimento pela sociedade passo-fundense das motivações do crime. Os motivos apontavam para a caracterização de crime passionnal envolvendo o padre e seu suposto amante, o assassino.

me can explain the subsequent forgetfulness of the fact. Those reasons characterized the crime as a passionnal crime, involving the priest and the man who was his supposed lover, the murderer.

Palavras-chave: criminalidade, mito, história regional

Keywords: criminality, myth, regional history.

Padre Jacques: aspectos de sua biografia

O padre Paulo Fabres Jacques era conhecido pela maioria da população de Passo Fundo. Suas qualidades eram tão difundidas e elogiadas que, mesmo os que não o conheciam pessoalmente, o admiravam. Um ingrediente importante da sua trajetória de vida talvez fosse exatamente esse: ele era uma pessoa carismática, que chamava a atenção. Homem considerado de beleza rara, inteligente e orador excepcional, sua morte violenta ainda jovem aos 41 anos de idade, trazia, em princípio, ingredientes para torná-lo um mito.

O religioso nasceu em 26 de abril de 1929, em Passo Fundo (RS), filho de Carlos Oliveira e Serafina Fabres Jacques, descendentes de uma tradicional família passo-fundense. Os pais se dedicaram muitos anos ao comércio, possuindo uma famosa loja de calçados, a Casas Jacques. Um aspecto importante na formação do jovem Jacques foi o fato de sua família pertencer à Igreja Metodista de Passo Fundo.² A sua formação religiosa inicial deu-se no metodismo tanto que o sacerdote cursou o primário e o ginásio no Instituto Educacional de Passo Fundo, escola pertencente à Igreja Metodista.

Assim, o seu ingresso no clero católico não deve ter sido uma opção sem traumas, visto que seus familiares eram integrantes e participantes ativos de outra confissão religiosa. Foi somente após a prestação de serviço militar obrigatório, por volta de 19 anos, portanto, tardiamente

² Sobre isso ver: MEDEIROS, M. M. de. *Caro ou coroa: católicos e metodistas no Planalto Médio gaúcho no início do século XX*. 1999. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre.

da perspectiva de seminarista católico, que ele ingressou na Ordem dos Capuchinhos, na vizinha cidade de Marau.³ Em 21 de dezembro de 1957, foi ordenado padre por Dom Vicente Scherer, na época arcebispo de Porto Alegre. Em seguida, trabalhou por algum tempo como missionário no Brasil Central. No seu retorno ao sul, fixou-se em Porto Alegre, onde, além de exercer o sacerdócio, foi também radialista na Rádio Difusora.

O retorno do padre Jacques a Passo Fundo ocorreu quando da morte de seu pai, em 1965. Para não deixar sua mãe sozinha ele se fixou em Passo Fundo, ingressando, então, na Ordem Secular da Diocese de Passo Fundo, sob o bispado de Dom Cláudio Colling. Permaneceu algum tempo como vigário cooperador na Igreja Catedral para, em seguida, assumir as funções de pároco na futura Paróquia São Judas Tadeu também em Passo Fundo.

Nesse tempo, suas qualidades, especialmente sua simpatia e carisma, já eram de amplo reconhecimento na sociedade local. Ele havia se inserido, rapidamente, desde seu retorno à terra natal, em muitas atividades e iniciativas sociais e religiosas. Em seguida, tornou-se uma forte liderança na vila Luiza, um local de população muito pobre e com índices de violência considerados altíssimos. Na condição de liderança espiritual da vila, organizou diversas entidades e eventos beneficentes, como por exemplo, o Departamento Social da Juventude da Vila Luiza, imprimindo “novo sentido à vida e à conduta individual e social dos jovens lá residentes”.

Na cidade de Passo Fundo, atuava em diversas frentes: era professor da disciplina de Valores Morais e Religiosos em diversas escolas da cidade, entre as quais o Colégio Conceição e o Colégio Normal Nicolau de Araújo Vergueiro. Era constantemente convidado para ser paraninfo nas formaturas de outras tantas escolas onde freqüentemente palestrava como convidado especial. Suas qualidades de orador cativavam a juventude estudantil, sempre pronta a ouvi-lo. Foi também o idealizador dos famosos Círculos Bíblicos Familiares, organização ecumênica que reunia famílias para debater parábolas bíblicas. No ano de sua morte chegaram a funcionar mais de cinquenta Círculos, reunindo luteranos, metodistas e católicos. Chama a atenção o fato de ele ter sido participante ativo do Rotary Clube Passo Fundo-Norte, ligação não estimulada pela Igreja Católica.

³ NASCIMENTO, W; DAL PAZ, S. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Gráfica Editora Pe. Berthier, 1995. p.73-74.

A narrativa do crime

Por volta das vinte e uma horas e tinta minutos do dia 21 de setembro de 1970, durante uma sessão de cinema no Cine Real, em plena zona central de Passo Fundo, um crime abalou a cidade. O padre Paulo Fabres Jacques, vigário da Paróquia São Judas Tadeu, na vila Luiza, foi *barbaramente* assassinado. O episódio comoveu a sociedade local: a violência do crime, a reconhecida simpatia e carisma do sacerdote, o seu envolvimento com diversas entidades e atividades no campo educacional e assistencial o ligavam a um amplo universo de relações. Os ingredientes em torno das motivações que teriam feito de Luiz Carlos Ribas, um jovem franzino e pacato de apenas 22 anos, morador da mesma cidade, autor desse homicídio, envolviam suspeitas de homossexualismo e passionalidade.

O crime foi amplamente narrado pela imprensa local. Segundo o jornal *O Nacional*, o padre Paulo Jacques era o penúltimo espectador a entrar no Cine Real na sessão do dia 21 de setembro. Logo após, Luiz Carlos Ribas o teria seguido para, momentos depois, desferir-lhe violento golpe com uma faca atingindo-lhe o estômago, abaixo do osso externo. Após apunhalar o sacerdote, o assassino saiu em desabalada corrida, sendo perseguido pelos vigilantes e porteiros que atuavam junto ao cinema. Todavia, Luiz Carlos Ribas conseguira escapar à perseguição e homiziou-se em sua residência onde o foi prender o sargento Léo Almeida Saraiva e o cabo Luciano da Silva, ambos de serviço na Central de Polícia.⁴

Segundo o mesmo jornal, podia-se antever que Luiz Carlos Ribas estava com o espírito pré-concebido para o crime. À tarde estivera na residência do padre na vila Luiza, a sua procura; não o tendo encontrado, sentara-se num banco na praça central, em frente ao Cine Real, e ali ficara até que o sacerdote entrasse na casa de espetáculos. Já havia iniciado a sessão quando o padre entrara no cinema. Minutos após, Luiz Carlos seguira-o para cometer o assassinato.⁵ Essa narrativa dos antecedentes imediatos ao crime dão conta de que certamente o assassino e vítima teriam marcado um encontro clandestino. Do contrário, o que fazia Luiz Carlos a frente do cinema? E o padre, por que entraria no cinema depois de mais de dez minutos do início do filme?

⁴ Premeditação. *O Nacional*, Passo Fundo, 22 set 1970. p. 1.

⁵ Idem.

O autor do crime foi preso em flagrante na residência de seu pai, Napoleão Ribas. No momento da prisão, permaneceu em silêncio, apenas chorando sem cessar. As suspeitas de que os motivos do crime evidenciassem um relacionamento íntimo entre os dois podiam ser observadas pelo comportamento de Luiz Carlos Ribas, que voltou ao Cine Real às quinze horas e trinta minutos do dia 22 de setembro para a reconstituição do crime. Na descrição do crime, a imprensa informa que “Luiz Carlos, sempre chorando, mostrou à polícia como entrou na casa de espetáculos, sentou-se no banco atrás do sacerdote e alvejou-o traiçoeiramente, cravando toda a lâmina do punhal no corpo do religioso”.⁶

Nos dias que se seguiram ao trágico episódio, não houve nenhuma referência, nos meios de comunicação sobre os motivos que teriam levado aquele jovem frágil a cometer um crime tão violento. Ao contrário, de forma geral, condenou-se a ação do assassino sem procurar evidências sobre as motivações para o crime. A referência mais próxima de uma causa do crime foi publicada da seguinte maneira:

*Toda a cidade ainda lamenta, profundamente, o bárbaro crime perpetrado de maneira fria, traiçoeira e premeditada por um jovem de apenas 22 anos de idade. Todos choram o desaparecimento trágico de um homem que apesar de defeitos de que todos somos portadores como humanos (grifo nosso), soube dignificar a sua existência através de obras calcadas no verdadeiro amor cristão, na doação a uma missão nobre que lhe estava confiada no ministério de Jesus Cristo.*⁷

A construção do mito e o esquecimento

O assassinato do padre Jacques causou violento impacto entre a população, sendo recebido com consternação, especialmente pelos moradores da vila Luiza. Toda a cidade ficou perplexa frente à notícia da sua morte e, em todos os lugares onde houvesse um grupo de pessoas, o fato era comentado com pesar. O velório e o sepultamento davam

⁶Premeditação. *O Nacional*, Passo Fundo, 23 set 1970. p. 6.

⁷ Idem.

mostras de que as homenagens dirigiam-se ao mártir. Durante toda a do dia 21 e parte do dia 22 de setembro, dezenas de pessoas permaneceram velando o corpo do padre Paulo Jacques na igreja de São Judas Tadeu. Ali foi rezada uma missa de corpo presente para, após, o corpo ser trasladado para a catedral Nossa Senhora Aparecida. Centenas de pessoas, acorreram à catedral a fim de dar o seu último adeus ao sacerdote assassinado. Ali, o Bispo Dom Cláudio Colling rezou uma missa com a participação de mais de trinta padres.

Após a missa concelebrada, oficiada por Dom Cláudio e trinta sacerdotes, o ataúde foi transportado para o Cemitério Municipal, com um enorme acompanhamento. No Campo Santo, amigos, conhecidos, sacerdotes e população em geral prestaram a derradeira homenagem aquele que fez de sua vida um sacerdócio de abnegação, de amor ao próximo e de dedicação à causa cristã.⁸

Nos dias que se seguiram ao assassinato inúmeras manifestações no sentido de transformá-lo num mártir já se anunciavam, e de mártir a mito seria apenas um passo. Nesse ponto é importante destacar que os conceitos mártir e mito nesse estudo relacionam-se aquelas pessoas que de uma forma ou de outra são alçadas a uma posição exemplar ou excepcional, principalmente quando mortos no cumprimento de alguma ação considerada relevante.⁹ Algumas dessas iniciativas que, a princípio, pretendiam singelamente homenagear uma grande liderança espiritual da cidade, acabaram por exagerar nos atributos da vítima.

Uma mensagem publicada num jornal da cidade e assinada por Frei Otávio, amigo pessoal do padre Jacques, dava o tom inicial da construção do mito:

Adeus Padre Jacques! Foi aceito de maneira trágica o ofertório de tua vida que todos os dias apresentavas ao Pai do Céu na forma do Pão e do Vinho. Terminou a tua luta! Venceste! Venceste por Cristo, com Cristo e em Cristo! Venceste como testemunha de Cristo pela bondade, pela mansidão, pela paciência, pelo amor!

⁸ Esquife na Catedral. *O Nacional*, Passo Fundo, 23 set 1970. p. 6.

⁹ MACIEL, M. E. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, L; ELMIR, C. P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ UFRGS, 1998. p. 81.

Foste Testemunho principalmente pelo Sacrifício! Tua pobre mãe, viúva, está inconsolável! Ela é o símbolo de todas as mães que choram os seus filhos queridos que brutalmente foram arrancados do seu convívio. Ela simboliza a cidade de Passo Fundo a tua cidade, Padre Jacques, que tinha em ti um dos poucos filhos que chegaram ao sacerdócio católico e que assiste consternada o teu fatal desenlace. (...). Padre Paulo, aqui fica o adeus, ou melhor, o até breve, de quem tinha em ti não apenas um colega mas um amigo e conselheiro sempre alegre e prestativo. Continua, Padre Paulo, a olhar por nós, teus colegas no sacerdócio e perdoa-lhes as incompreensões, os pequenos mal-entendidos, pois, agora tu vês a realidade na Luz de Deus. Olha para a tua cidade, para os teus pobres de todos os bairros, olha especialmente para a tua recém-iniciada paróquia de São Judas Tadeu e roga a Deus que mande alguém em teu lugar para continuar a tua luta. Frei Otávio.¹⁰

Os poderes políticos também se manifestaram nesse sentido. Uma das principais iniciativas que objetivava imortalizar a figura do padre partiu do vereador da Câmara Municipal de Passo Fundo Caxiense Geyer da bancada da Arena. Segundo ele, e atendendo aos apelos dos moradores da vila Luiza, pretendia apresentar na Câmara de Vereadores um projeto propondo o nome do padre, Paulo Fabres Jacques, para o bairro onde tanto trabalhara.¹¹ Imediatamente, outro vereador anunciou a apresentação de projeto similar: Jorge Alberto Pillar Bandarra iria apresentar um projeto de lei no sentido de que fosse dado o nome do sacerdote assassinado à rua que levava o nome “Passo Fundo”.

Na justificativa do projeto, o vereador Bandarra procurou evidenciar as muitas qualidades do sacerdote. Segundo ele, o projeto ia ao encontro das aspirações da maioria dos moradores da vila Luiza, que haviam tido no padre Paulo Fabres Jacques um orientador espiritual dos

¹⁰ Adeus Padre Paulo Padre Paulo Jacques. In: *O Nacional*, Passo Fundo, 23 set 1970. p. 5.

¹¹ Nome de Padre Jacques para vila de Passo Fundo. *O Nacional*. Passo Fundo, 23 set 1970. p. 4.

mais estimados; um amigo exemplar de virtudes e qualidades excepcionais, cuja ação social à frente da paróquia o consagrara como empreendedor de amplo sentimento comunitário. Além disso, o vereador afirmava que a pregação religiosa de “verdadeiro Missionário”, afável no trato, rigoroso na busca de melhores condições de vida material e espiritual para seus paroquianos, consagrara o padre Jacques no respeito e admiração de todos.¹²

Também inúmeras autoridades, representantes do clero, amigos pessoais, entre outros, manifestaram publicamente e propuseram homenagens das mais diversas. Assim, nas comemorações do sétimo e trigésimo dia de falecimento, as homenagens póstumas ainda se mantiveram intensas. Missas em diversas paróquias foram rezadas, algumas com transmissão radiofônica ao vivo (pela Rádio Planalto, de propriedade da Igreja Católica); os jovens prestaram comovente homenagem de agradecimento ao padre pelo fato de ter organizado a Sociedade de Jovens da vila Luiza; o Grupo Escolar Antonino Xavier e Oliveira, principal escola da vila Luiza, rendeu-lhe a suas homenagens; a capela metodista da vila Luiza também se solidarizou com os católicos, colocando na frente do salão paroquial da Igreja de São Judas Tadeu uma faixa com os seguintes dizeres: “A capela Metodista e Jardim da Infância estão pesadas com a morte do Padre Jacques”; na Igreja Metodista, um culto foi feito na intenção ao padre Paulo Fabres Jacques; o CTG Osório Porto prestou-lhe homenagem póstuma em agradecimento pelo muito que fizera em benefício da vila Luiza, de seus moradores e, mesmo, daquela entidade tradicionalista.

Nos anos que se seguiram, gradativamente o episódio, assim como a imagem positiva e conhecida de todos do padre Jacques, foi sendo esquecido. A figura manteve-se viva quase que exclusivamente na vila Luiza, onde até hoje o nome do Salão Paroquial rende homenagem ao seu primeiro vigário. No interior do referido salão, em local de destaque, aparece um quadro com uma fotografia do sacerdote. Nas comemorações do quarto ano da morte de padre Jacques, que coincidiu com o julgamento do réu, ocorrido em Cruz Alta, cidade com aproximadamente 230 km de distância de Passo Fundo, houve uma mobilização daquela comunidade no sentido de manter viva a memória e a imagem do pároco. As igrejas, as escolas, a Sociedade Vicentina, Clube de Mães, o

¹² Idem.

Clube Juventude e outras associações da comunidade da vila Luiza organizaram um tributo ao padre Jacques no dia 21 de setembro de 1974, quando foi rezada missa especial e inaugurado um monumento em honra ao sacerdote “inesquecível”.

Entretanto, essas iniciativas mantiveram-se vivas apenas na vila Luiza. A cidade de Passo Fundo parece ter realizado um movimento no sentido do seu esquecimento, visto que as motivações do crime não deixavam dúvidas sobre o comportamento moral, ou melhor, as relações “anormais” do padre.¹³ Para as famílias e, especialmente para a Igreja Católica local, o esquecimento era uma estratégia positiva, o constrangimento ocasionado pelo episódio foi respondido com o silêncio, tanto que, hoje, não há fora da vila, uma menção ou forte referência ao padre Jacques.

O julgamento

O acusado do crime, Luiz Carlos Ribas, permaneceu no Presídio de Passo Fundo aguardando o julgamento. Entretanto, foi colocado em liberdade a partir do dia 21 de maio de 1974, em virtude de *habeas-corpus* conseguido pelo seu defensor. Por duas vezes, o julgamento foi adiado: uma delas por motivo de doença de seu primeiro advogado e outra por pedido de *desaforamento* solicitado pelo seu novo advogado, Amadeu de Almeida Weimann, que entendeu não haver segurança para a realização do júri em Passo Fundo. Segundo o advogado, a falta de segurança devia-se ao fato de os ânimos ainda estarem alterados, pois as graves repercussões do crime ainda eram por demais sentidas na cidade.¹⁴

O pedido de *desaforamento* do julgamento para a cidade de Cruz Alta era estratégico e servia, na verdade, tanto para o réu quanto para a família da vítima e para a própria Igreja Católica. Todos sabiam que, no cenário do grande júri, as alegações, os motivos, as testemunhas iriam revelar, definitivamente, aquilo que os comentários à boca pequena já anunciavam desde os finais de 1970: uma nova e até então obscura face

¹³ O termo relações anormais aparece como científico no período, sendo usado para caracterizar os relacionamentos homossexuais; diversos atestados médicos do Instituto de Psiquiatria Legal de Porto Alegre constantes nos autos do processo em questão utilizam o termo.

¹⁴ *O Nacional*, Passo Fundo, 10/set./1974, p. 6.

do padre assassinado. Os aspectos de um idôneo comportamento moral, tão caros no contexto dos anos setenta, eram ainda mais importantes num bispado que tinha a sua frente um ardoroso conservador, como o era Dom Cláudio Colling. Para se ter uma idéia, sua formação foi quase toda segundo os preceitos da Companhia de Jesus.¹⁵

Assim, em 10 de setembro de 1974, iniciou-se o tão esperado julgamento. O júri reuniu-se a partir das 14 horas, sob a presidência do Juiz Alfredo Guilherme Englert, nas dependências do Clube Recreativo Internacional de Cruz Alta. Houve um grande deslocamento de curiosos da cidade de Passo Fundo para aquela cidade. Pelo Ministério Público atuou o promotor Luiz Carlos Gomes, tendo como assistente o advogado passo-fundense Luiz Juarez Nogueira de Azevedo, contratado pelos familiares do sacerdote. A defesa do réu foi feita por Amadeu de Almeida Weimann, advogado com banca reconhecida de Porto Alegre.

Interessante, em relação aos posicionamentos da imprensa local sobre o julgamento, foi a diferença de enfoque e detalhes dada pelos jornais *O Nacional* e *Diário da Manhã*, ambos de Passo Fundo. *O Nacional* em nenhum momento mencionou a alegação da defesa de que Luiz Carlos Ribas mantinha um relacionamento íntimo e amoroso com o padre Jacques. A narrativa acerca do julgamento desse órgão de imprensa foi o seguinte:

Encerraram-se à 1 hora da manhã de hoje os trabalhos do Tribunal do Júri desta Comarca., iniciados às 14 horas de ontem. Foi submetido a julgamento o jovem Luiz Carlos Ribas, que, a 21 de setembro de 1970, assassinou o Padre Paulo Fabres Jacques, com certa facada no coração. (...). O julgamento despertou expectativa geral, pois que a vítima era uma figura de projeção, no seu mister sacerdotal e na sociedade. A defesa do réu foi desenvolvida pelo Dr. Amadeu de Almeida Weimann, cuja atuação na tribuna judiciária foi muito aplaudida pela numerosa assistência. Na acusação esteve o promotor Dr. Luiz Carlos Go-

¹⁵ BOTH, Agostinho (org.). *Dom Cláudio pastor e cidadão*. Passo Fundo: Editora Universitária UPF, 1994, p.70-71.

mes, tendo como assistente o advogado passo-fundense Dr. Luís Juarez Nogueira de Azevedo, os quais produziram brilhante trabalho acusatório.¹⁶

O jornal *Diário da Manhã* procurou informar com detalhes os aspectos que denunciavam o envolvimento de padre Jacques e do jovem Luiz Carlos Ribas. O trecho que segue é revelador das diferentes posições da imprensa:

Considerando a forma que Luiz Carlos assassinou o sacerdote, a acusação pediu a condenação do acusado, por homicídio qualificado por torpe motivo, sustentando a posição de crime não relacionado com qualquer atenuante (...). Já a defesa, num trabalho planejado, colocava o caso em definição de legítima defesa da honra, invocando o homicídio privilegiado por relevante valor moral e social. Os debates trouxeram a tona, importantes depoimentos de testemunhas envolvidas no processo. Entre as relações anormais da vítima e do réu giraram as discussões, sustentando a defesa que Luiz Carlos, em plena puberdade, fora seduzido pelo padre a manter relações homossexuais que aos poucos levaram o jovem a uma plena dependência intelectual e psíquica, eis porque, levantaram os defensores do réu a tese da legítima defesa da honra.¹⁷

Desse modo, e não levantando diretamente a tese de coação irresistível, própria dos crimes passionais, o advogado de Luiz Carlos abordou diversas vezes o relacionamento homossexual entre Luiz Carlos e Jacques, sem que a acusação negasse o conhecimento de tais relações. O jornal deu destaque a depoimento de policial militar, segundo o qual os atritos entre os dois já existiam e eram motivados por “ciúmes”.¹⁸

¹⁶ Condenado Luiz C. Ribas, autor da morte do padre Jacques. *O Nacional*. Passo Fundo, 11 set 1970. p.1

¹⁷ *Diário da Manhã*. Passo Fundo. 11 set 1970. p. 1.

¹⁸ *Idem*. p. 1.

O empenho da defesa despertou uma inegável simpatia do enorme público que lotava as dependências do Clube recreativo Internacional ao réu. Momento importante da demonstração dessa simpatia foi quando o advogado de defesa, nos momentos finais do julgamento, afirmou que o padre era investido de grande influência, com dotes culturais e sociais, em contraposição à infância humilde e ao grau de instrução paupérrimo do réu, razão pela qual pedia a absolvição de Luiz Carlos.

O resultado do julgamento foi a condenação do réu por 6 votos a 1, assim, o veredicto foi a condenação do réu à pena de seis anos de reclusão com mais dois anos como medida de segurança, perfazendo um total de oito anos.

Primeiras conclusões

O assassinato do padre Jacques constituiu-se num importante momento da história regional que teve na cidade de Passo Fundo seu principal pólo. A posição social e de liderança da vítima na comunidade, a ausência de antecedentes criminais do réu, relevância dos nomes mobilizados para o julgamento e o seu *desaforamento* para Cruz Alta são reveladores da sua importância. Além disso, o aprofundamento desse estudo possibilita chegar-se a algumas representações sociais da comunidade local e regional durante o período do regime militar brasileiro. Uma das primeiras conclusões é de que a construção do mito do padre assassinado não se completou em razão do questionamento sobre os valores morais estabelecidos e que viam no padre um representante dessa moralidade.

Referências bibliográficas

ANDRADE M. F.. *Ministério Público e sua investigação criminal*. Porto Alegre: Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul, 2001.

BOTH, A. (Org.). *Dom Cláudio pastor e cidadão*. Passo Fundo: Editora Universitária Universidade de Passo Fundo, 1994.

FÉLIX, L. O.; GRIJÓ, L. A. *Histórias de vida: entrevistas e depoimentos com magistrados gaúchos*. Porto Alegre: Departamento de Artes Gráficas do Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 1999.

FELIX, L. O. *Histórias de vida: lembranças para o futuro*. Porto Alegre: Nova Prova. 2001 (Projeto Memória do Ministério Público do Rio Grande do Sul).

KOERNER, A. *Judiciário e cidadania na constituição da República brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1998.

MACIEL, M. E. Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão. In: FÉLIX, L; ELMIR, C. P. (Org.). *Mitos e heróis: construção de imaginários*. Porto Alegre: Editora da Universidade/ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998. p. 75-108.

MEDEIROS, M. M. de. *Cara ou coroa: católicos e metodistas no planalto médio gaúcho no início do século XX*. 1999. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PUCRS. Porto Alegre.

NASCIMENTO, W; DAL PAZ, S. *Vultos da história de Passo Fundo*. Passo Fundo: Gráfica Editora: Padre Berthier, 1995.

RANGEL, C. *Crime e castigo: conflitos políticos no Rio Grande do Sul (1928-1938)*. Passo Fundo: Ediupf, 2001.

ROHNELT, L. (Org.) *Crimes que comoveram o Rio Grande: Quatro Acusações*. Corregedoria de Justiça - Ministério Público Rio-grandense, Porto Alegre, s.d.

VÉSCIO, L. E. *O crime do Padre Sório*. Porto Alegre: Edidota da Universidade Federal de Santa Maria. 2001.